EDUCAÇÃO EM SAÚDE VOLTADA PARA O USO RACIONAL DE MEDICAMENTOS EM CRIANÇAS: EMPODERANDO PAIS E RESPONSÁVEIS

Bianca Saraiva Russo Costa[1]
Aline Santos Monte[2]

RESUMO

A Organização Mundial de Saúde define o uso racional de medicamentos como uma prática segura e eficaz, em contrapartida é possível observar a prevalência da automedicação como um hábito comum na população. As crianças representam um grupo suscetível à autoadministração medicamentosa feita pelos pais e/ou responsáveis, que podem manifestar efeitos adversos prejudiciais. Dessa forma, o trabalho destaca os riscos associados, ressaltando a necessidade de conscientização e empoderamento dos pais na prevenção à saúde infantil. O projeto de extensão vinculado a Liga Acadêmica de Farmácia Hospitalar (LIAFH), desenvolve atividades no Hospital e Maternidade Paulo Sarasate desde de janeiro de 2023 finalizando em janeiro de 2024. Focando em pais e responsáveis de crianças de 0 a 12 anos, aguardando por uma consulta pediátrica. Foram cerca de sete atividades desempenhadas, abordando temas como uso seguro dos medicamentos, leitura de bulas, caixas organizadoras, formas farmacêuticas, folhetos informativos e o uso das redes sociais, visando promover o uso racional e seguro dos medicamentos pediátricos. As atividades resultaram em maior consciência dos envolvidos que participaram das ações, sobre a administração prudente e segura dos medicamentos. Um questionário avaliativo relevou que a maioria dos participantes compreendeu claramente os temas que foram abordados nas atividades (81,57%), tiveram suas expectativas atendidas (97,36%) e se sentiram mais empoderados quanto a automedicação pediátrica. Conclui-se que as atividades promoveram uma maior concepção nos partícipes sobre a automedicação pediátrica que quando feita de forma inadequada, pode trazer danos à saúde das crianças. As contribuições das atividades desempenhadas tornam-se importante para prevenir complicações futuras.

Palavras-chave: Automedicação; Pediatria; Educação em Saúde.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Ciências da Saúde (ICS), Discente, biancarusso03@gmail.com[1]
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Ciências da Saúde (ICS), Docente, alinesmonte@unilab.edu.br[2]

ISSN: 2447-6161

INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial de Saúde, o uso racional de medicamentos ocorre quando o fármaco utilizado é realmente eficaz, seguro e necessário. Além de ser prescrito adequadamente, na forma farmacêutica correta, com doses e um determinado período de duração do tratamento preciso. Ao contrário ao uso racional de medicamentos, a automedicação surge como um hábito comum na população, que por muitas vezes não é realizada de forma segura e racional. Dessa forma, a automedicação é caracterizada quando indivíduos selecionam e usam medicamentos sem prescrição para tratar de doenças ou sintomas auto reconhecidos. (World Health Organization, 1998). As crianças representam um grupo suscetível à autoadministração medicamentosa feita pelos pais e/ou responsáveis, pois podem manifestar efeitos adversos prejudiciais. O uso de medicamentos em crianças depende de variáveis que não estão necessariamente presentes em adultos, como por exemplo: idade, peso, área da superfície corporal, além da capacidade de absorver, metabolizar e excretar os medicamentos (Prolungatti et al., 2014). As principais razões expostas para a prática da automedicação na pediatria são: experiências em tratamentos anteriores positivas, fácil acesso a medicamentos sem prescrição médica, longa distância ao consultório médico e a percepção dos pais sobre a doença ser considerada leve (Gohar et al, 2017). A automedicação em crianças, especialmente em situações médicas urgentes, pode levar a efeitos nocivos, como: resistência antimicrobiana, desenvolvimento de vício para determinado fármaco, reações alérgicas e intoxicação. Além disso, a falta de conhecimento dos pais sobre os medicamentos da pediatria pode gerar agravo das doenças das crianças, destacando a importância do diagnóstico e aconselhamento do profissional de saúde no tratamento infantil (Duborija-Kovacevic et al., 2020). Surge então, a necessidade de conscientização sobre os riscos associados a automedicação pediátrica, na qual está ligada ao uso racional, seguro e eficaz dos medicamentos. O papel dos profissionais de saúde e acadêmicos torna-se fundamental para construir esses cuidados com orientações, assegurando a prevenção de riscos medicamentosos.

METODOLOGIA

O projeto de extensão faz parte das ações que são desempenhadas pela Liga Acadêmica de Farmácia Hospitalar (LIAFH), que compõe o Grupo de Pesquisa e Extensão em Utilização de Medicamentos (GPUMED) do Curso de Farmácia da UNILAB. As atividades foram realizadas no Hospital e Maternidade Paulo Sarasate (HMPS), que é uma entidade beneficente sem fins lucrativos que corresponde a uma unidade assistencial de saúde de média e alta complexidade hospitalar e ambulatorial. O projeto iniciou em janeiro de 2023 e terminará em janeiro de 2024 e as atividades de educação em saúde iniciaram em abril de 2023 e terminarão em outubro de 2023. Estão participando do estudo pais e/ou responsáveis de crianças de 0 a 12 anos que são atendidas no HMPS no período citado, onde são abordados enquanto esperam a consulta pediátrica dos seus filhos. Foram excluídos do estudo pais e/ou responsáveis de crianças internadas ou que procuraram o serviço de emergência do hospital no dia da coleta. Os participantes foram convidados a participar das atividades individual ou coletivamente realizadas pela discente, a depender da estratégia utilizada. Foram aplicadas 7 atividades, que são: A primeira foi referente a um Quiz de perguntas, onde os participantes utilizaram placas contendo “sim” e “não” para indicarem suas respostas relativas as perguntas, como: A automedicação pediátrica é segura? Os pais podem administrar qualquer tipo de medicamento para seus filhos sem orientação médica? A automedicação pode causar efeitos colaterais em crianças? É importante seguir um horário específico para tomar medicamentos prescritos? O melhor remédio para tosse é antibiótico? Essa atividade foi coletiva, após cada resposta dos participantes a estudante conversava com o grupo de pais/

ISSN: 2447-6161

responsáveis informando se a maioria tinha acertado ou errado e explicando o porquê. A segunda atividade, foi relativa à leitura e interpretação de bulas de medicamentos. Foram utilizadas as bulas dos seguintes medicamentos: Tylenol bebê, Tylenol criança, Pratium (paracetamol gotas), Koid D xarope (maleato de dexclorfeniramina + betametasona), Alivium (ibuprofeno gotas), Profenid (cetoprofeno xarope), Hixizine xarope, Percoide (prednisolona gotas). Esses medicamentos foram especialmente escolhidos por se tratar das classes farmacológicas mais utilizadas em crianças e serem Medicamentos Isentos de Prescrição (MIP's). A bolsista mostrou aos participantes em qual lugar da bula encontra-se a dose recomendada, posologia, via de administração e possíveis reações adversas e interações medicamentosas. Ao final da atividade foi feita uma reflexão com os pais e responsáveis, com as seguintes perguntas: Você costumava ler bulas em casa? Quais são as principais dificuldades na hora de interpretar uma bula? Já encontrou informações na bula confusas e decidiu procurar algum farmacêutico na farmácia comercial? Essa atividade foi coletiva, e propiciou um maior conhecimento dos pais a respeito dos medicamentos. A terceira atividade, foi sobre oficinas de caixas organizadoras de medicamentos. Para essa atividade, foi montada uma caixa organizadora de medicamentos, feita com uma caixa de sapato, com as divisórias para as diferentes classes terapêuticas. Foi explicado aos participantes como eles podem construir suas próprias caixas organizadoras, os benefícios de manter os medicamentos bem armazenados, longe do alcance das crianças. Os pais foram informados também sobre a importância de sempre verificar o prazo de validade dos medicamentos e como é o seu descarte correto, após vencido. A quarta atividade, oficina de formas farmacêuticas, teve como objetivo trabalhar conceitos de gestão de farmacoterapia, organização de medicamentos, o papel do cuidador e o autocuidado na utilização de medicamentos. Foram abordados o que é uma forma farmacêutica, alguns tipos de formas farmacêuticas (separadas pela sua forma de apresentação, seja sólida, semissólida, líquida ou gasosa), explicação da motivação de existirem diversas formas farmacêuticas dentro de farmácias ou produzidas em indústrias e principalmente algumas razões na qual as formas farmacêuticas estão ligadas com a automedicação pediátrica. Dessa forma, a bolsista levou o conhecimento para os pais e responsáveis sobre dosagem precisa (principalmente tratando de recém-nascidos), tipos de via de administração das diferentes formas farmacêuticas presentes no mercado, sabores das apresentações dos medicamentos que podem favorecer ao público infantil, além da biodisponibilidade que pode ser assegurada em determinadas formas medicamentosa e intolerância a certos excipientes presentes no fármaco. A atividade realizada foi individual visto que a discente realizou perguntas ao final para participantes específicos, como: pode repartir medicamentos? quanto tempo você acha que o medicamento pode fazer efeito no tratamento da doença? Mas também, coletivamente visto que os participantes participaram de um Quiz, com perguntas como: Para crianças com menos de três anos de idade, qual a forma farmacêutica mais adequada? Para crianças acima de seis anos, qual a forma geralmente é preferida para medicamentos com sabor desagradável? Qual a forma farmacêutica de apresentação que apresenta maior facilidade na dosagem quando necessita de ajustes? Para a seguinte atividade, de distribuição de folhetos explicativos, foi elaborado um folheto impresso para aos pais e responsáveis com informações sobre uso racional de antimicrobianos em crianças, com informações relevantes como: embora os antimicrobianos sejam poderosos para o combate de infecções, o uso inadequado podem gerar resistência bacteriana; além da necessidade do tratamento completo para não prejudicar tratamentos futuros e sobre o descarte dos medicamentos e nunca incentivando a entregar as sobras dos fármacos para terceiros. Essa atividade objetivou reduzir a probabilidade de resistência bacteriana, além de promover melhor adesão ao tratamento. O folheto foi entregue individualmente com uma breve explicação das informações contidas no mesmo. Para a sexta e penúltima atividade, visto que a quinta houve muita aceitação e discussão sobre o tema, a bolsista realizou a construção de uma cartilha com a temática: "Promovendo um debate construtivo e incentivando rodas de conversas sobre como realizar o uso racional de

ISSN: 2447-6161

medicamentos". A cartilha foi entregue individualmente e foram trabalhados também os diferentes termos que são encontrados e que geram confusões a respeito dos medicamentos e a interação deles com o ser humano, identificando as principais diferenças entre reação adversa a medicamentos, efeito colateral, reação alérgica e intoxicação medicamentosa. A sétima e última atividade foi realizada através de publicações em mídia social (Instagram da LIAFH). Foram feitas algumas publicações no Instagram da Liafh com o objetivo de informar, por meio de redes sociais, à população e facilitar o acesso a informações científicas com linguagem facilitada, provenientes de fontes fundamentadas, sobre automedicação pediátrica. Essa atividade propiciará aos pais um maior empoderamento para automedicação pediátrica responsável com medicamentos isentos de prescrição.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao final da execução das atividades observamos que os pais e responsáveis tiveram ciência sobre a importância do uso racional de medicamentos, da segurança deles em suas casas e da conscientização para a automedicação pediátrica e suas possíveis consequências, a fim de garantir o sucesso terapêutico e segurança dos pais na hora da administração. As atividades resultaram em uma troca de experiências, e a cada pergunta respondida foi observado o esclarecimento sobre determinados assuntos, a exemplo dos medicamentos genéricos, sobre uso de antibiótico, incentivo a consultas médicas, papel do farmacêutico na farmácia comunitária em relação aos medicamentos isentos de prescrição. Ao fornecer orientações aos pais sobre determinados medicamentos mediante a leitura e interpretação das bulas, os pais puderam conhecer detalhes sobre os medicamentos, isso inclui dosagem recomendada, forma farmacêutica, além de terem uma compreensão sobre os benefícios e riscos que os medicamentos poderiam trazer. Os participantes também mostraram interesse sobre o material da caixa organizadora de medicamentos, visto que normalmente essas caixas estão associadas aos idosos. A organização de medicamentos foi baseada na separação por dor, febre, machucados, vitaminas, alergias, entre outros, podendo auxiliar na administração de medicamentos por outros responsáveis por aquela criança, caso os pais não estejam presentes. Também resultou em proporcionar uma otimização na eficácia dos medicamentos administrados às crianças. Os resultados destas ações foram observados por meio da aplicação de um questionário avaliativo respondido por 38 participantes com três perguntas distintas, como: Os temas abordados foram claros e de fácil compreensão? Suas expectativas para a atividade foram atendidas? Após a atividade você se sente mais empoderado(a) a respeito da automedicação pediátrica? Os participantes poderiam responder à essas questões marcando no questionário: sim, não ou parcialmente. Os dados quantitativos do questionário avaliativo, estão representados na **Tabela 1**. Para a pergunta "Os temas abordados foram claros e de fácil compreensão?" ao analisar os dados coletados, a maioria dos participantes, um total de 31 pessoas, representando 81,57% responderam sim, isso mostrou que os temas abordados mostraram clareza e comunicação transparente e linguagem compreensível. Já 2 pessoas, representando 5,26% dos participantes, tiveram dificuldades em entender ou interpretar adequadamente os temas abordados. Para 5 pessoas, representando 13,15% da amostra, os temas abordados foram parcialmente claros e de fácil compreensão. Para a pergunta "Suas expectativas para a atividade foram atendidas?", a maioria respondeu sim, representando 97,36% da amostra, e somente 2,63% respondeu não. Esse dado demonstra que as atividades foram construídas a partir da compreensão das principais dúvidas, necessidades e desejo de melhora dos participantes. Para a pergunta "Após a atividade você se sente mais empoderado(a)?" 30 participantes, representando 78,95%, responderam que sim. Ou seja, grande parte dos pais se sentiram habilitados para terem uma autonomia na administração medicamentosa de seus filhos após as atividades. Os participantes foram incentivados a

ISSN: 2447-6161

participar ativamente em relação a terapia medicamentosa das crianças, construindo cuidados sobre determinados medicamentos, adesão ao tratamento, redução dos erros e impossibilidade de haver interações medicamentosas. Apenas 6 participantes responderam que não (15,78%) e 2 pessoas responderam parcialmente, representando 5,26%. É válido salientar que durante as atividades não foram coletados nenhum dado pessoal ou identificação dos responsáveis, não necessitando do parecer do Comitê de Ética em Pesquisa.

Tabela 1: Caracterização das respostas sobre o questionário de avaliação após as atividades realizadas.

Fonte: Dados do questionário, 2023.

CONCLUSÕES

Concluímos que as atividades executadas promoveram não apenas um maior empoderamento dos pais e responsáveis acerca da automedicação pediátrica e suas consequências quando feito de forma inadequada, mas também que há uma necessidade de temáticas especificas ao cuidado dos filhos, como interpretação detalhada de bulas, o conhecimento sobre formas farmacêuticas, a gestão adequada de antimicrobianos e a organização precisa dos medicamentos, considerando fatores como dosagem e horários de administração. Por fim, tais contribuições tornam-se importante para prevenir complicações farmacológicas decorrentes de reações adversas e interações medicamentosas inadequadas.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), em especial à Pró-Reitoria de Extensão, Arte e Cultura e ao Programa de Bolsas de Extensão, Arte e Cultura pelo apoio e financiamento do projeto EDUCAÇÃO EM SAÚDE VOLTADA PARA O USO RACIONAL DE MEDICAMENTOS: EMPODERANDO PAIS E RESPONSÁVEIS" executado entre Janeiro de 2023 e Janeiro de 2024. Agradeço a orientadora deste projeto, Profa.Dra Aline Santos Monte e aos colegas que fazem parte da Liga Acadêmica de Farmácia Hospitalar (LIAFH).

REFERÊNCIAS

DUBORIJA-KOVACEVIC, Natasa et al. A escolaridade materna, a profissão de saúde e o tabagismo são fatores decisivos para a automedicação dos filhos pelos pais. Acta Farmacêutica , v. 2, pág. 249-257, 2020.

GOHAR, U. Farooq; KHUBAIB, Sadia; MEHMOOD, Asad. Tendências da automedicação em crianças pelos pais. J Desenvolver Drogas , v. 2, pág. 1-7, 2017.

PROLUNGATTI, Camila Nogueira et al. O uso de fármacos analgésicos e anti-inflamatórios prévio ao atendimento em pronto socorro infantil. Revista Dor, v. 15, p. 96-99, 2014.

World Health Organization., 1998. The role of the pharmacist in self-care and selfmedication. Report of the 4th WHO Consultive Group on the role of the pharmacist. https://doi.org/WHO/DAP/98.13.

ISSN: 2447-6161

ISSN: 2447-6161